

# ESPECULARIDADE NA CONSTITUIÇÃO DO EU E NA RELAÇÃO ANALÍTICA

*Luciane Batista*

Após uma primeira leitura do Seminário I de Lacan sobre os Escritos Técnicos de Freud, me interessei pela idéia de refazê-la, percorrendo uma vereda específica, na busca de articulações entre a constituição imaginária do eu na fase do espelho e o espaço virtual/especular na relação analista analisante. Este Seminário foi escrito num momento em que segundo Lacan “inexistia entre os analistas uma mesma idéia a respeito daquilo que se faz, daquilo que se visa, daquilo que se obtém dentro de uma análise”, tendo surgido após a morte de Freud direcionamentos técnicos diversos a partir da compreensão em torno da noção do eu. De forma que durante todo o livro, Lacan tenta estabelecer um divisor de águas, uma tomada de posição fundamental sobre a natureza da Psicanálise, o lugar existencial da experiência analítica e de seus fins, se contrapondo essencialmente a abordagem da psicologia do Ego.

No início do percurso me defronto com o estádio do espelho, conceito destinado a dar conta do narcisismo primário, do primeiro esboço do eu e das identificações secundárias. Lacan se utiliza da ilusão produzida na experiência da Física para explicar esta fase, a qual deve ser compreendida como uma identificação, isto é, a transformação produzida em um sujeito quando ele assume uma imagem. Sobre o efeito formador de uma imagem, a Etologia, que estuda a adaptação do animal ao meio ambiente, descreve entre outros exemplos o da maturação da gônoda na pomba a partir da visão de um congênere, o mesmo se dando na passagem do grilo peregrino da forma solitária para a gregária.

Toda riqueza e complexidade do mundo imagético encontra expressão na experiência em três tempos da criança na fase do espelho, onde inicialmente ela vive uma confusão ente si própria e o outro, sendo a imagem no espelho percebida como a de um ser real de quem ela procura se aproximar, ao que se segue a descoberta de que o outro no espelho não é real mais uma imagem e

Especularidade na Constituição do Eu e na Relação Analítica

1

Traço Freudiano Veredas Lacanianas Escola de Psicanálise

[www.traco-freudiano.org](http://www.traco-freudiano.org)

Revista Veredas

finalmente que esta imagem é a dela. Reconhecendo-se através desta imagem, a criança evolui da dispersão do corpo esfacelado para uma totalidade unificada que é a representação do corpo próprio, sendo o estágio do espelho uma experiência que se organiza antes do advento do esquema corporal, possibilitando ao sujeito com o corpo despedaçado a antecipação da imagem do corpo inteiro, corpo ideal. Assim, a dimensão imaginária sustenta a conquista da identidade pela criança a partir de algo virtual, que não é ela enquanto tal, mas entretanto, onde ela se reconhece, prefigurando no advento do eu, o caráter de sua alienação imaginária, de onde se delineia o desconhecimento crônico que não cessará de alimentar em relação a si mesmo.

Após essa incursão inicial pela fase do espelho, fui buscando outros registros sobre o surgimento do eu e do desejo, acompanhando de um lado o aprisionamento imaginário do sujeito e de outro a possibilidade de saída deste aprisionamento pelo ingresso no simbólico, tendo destacado três afirmações de Lacan: “o ego nada sabe dos desejos do sujeito”; “a estrutura mais fundamental do ser humano no plano imaginário é destruir aquele que é a sede de sua alienação”; “antes que o desejo aprenda a se reconhecer como símbolo ele só é visto no outro, alienado no outro”. Ia se delineando mais claramente o significado do aprisionamento imaginário do sujeito, num movimento sem saída, onde de forma semelhante à dialética do senhor e do escravo, ele não pode destruir aquele que o constitui. Localizo então a experiência do FORT-DA, onde através da verbalização desses fonemas a criança passa a manejar a experiência da presença/ausência da mãe, transcendendo-a e introduzindo-a no plano simbólico. Ingressa assim no mundo do símbolo, torna-se mestre da coisa na medida em que justamente a destrói. Dessa forma a ausência passa a ser evocada na presença e a presença na ausência, abrindo-se para o sujeito a realidade do seu mundo enquanto humano.

Avanço na leitura me aproximando já da relação analista analisante, através da colocação de Lacan de que a relação imaginária primordial dá o quadro fundamental nos quais se farão as flutuações libidinais bem como todo erotismo possível: “cada vez que no fenômeno do outro, algo aparece que permite de novo ao sujeito re-projetar, recompletar, nutrir em algum lugar a imagem do eu ideal, cada vez que se refaz de maneira analógica a assumpção jubilatória do estágio do espelho, cada vez que o sujeito é cativado por um de seus semelhantes, o desejo volta no sujeito mas volta verbalizado”. Em outras palavras, cada vez que se produzem as identificações objetais do eu ideal, aparece o fenômeno *verliebtheit* (enamoração) que se assemelha ao da transferência em análise.

Especularidade na Constituição do Eu e na Relação Analítica

2

Traço Freudiano Veredas Lacanianas Escola de Psicanálise

[www.traco-freudiano.org](http://www.traco-freudiano.org)

Revista Veredas

É exatamente a partir daí, do aspecto imaginário da transferência que vão se tornando mais palpáveis os contornos da analogia pretendida neste trabalho, em torno da especularidade na constituição do eu e na relação analítica. Sendo a transferência a mola imaginária da análise, tende a produzir uma relação de miragem imaginária do eu consigo mesmo. Na análise trata-se de desfazer as amarras da palavra, liberando o sujeito do seu modo de falar, dos laços de polidez e coerência. Isto introduz na relação de espelho ao outro uma certa desinserção, fazendo variar, espelhar, completa e descompleta a imagem do seu eu, de forma que o sujeito reconstitui por retomadas e identificações sucessivas a sua história. Neste contexto, é a posição de morto assumida pelo analista que permitirá sua colocação pelo analisante no lugar da imagem virtual, possibilitando ao máximo a revelação narcísica do sujeito, a passagem daquilo que do eu é desconhecido para ele para o reconhecimento das imagens captadoras constituintes da história do seu eu. Se ao invés do lugar do morto, que permite a construção do espaço virtual na análise, o analista oferece seu ego como modelo identificatório, ele quebra o movimento de moinho instalado entre o ego e o eu ideal do analisante, onde segundo Lacan “há um jogo de projeção e reintrojeção da imagem e do desejo num vaivém e espelhamento do aquém ao além do espelho”. O analista, ao ofuscar esse espaço com sua presença, impede o curso da análise na direção da compleição da imagem do sujeito e da emergência do seu desejo numa confrontação com essa imagem, uma vez que é quando essa imagem que tinha sido descompletada se completa, quando a face imaginária que estava recalcada surge, que a angústia aparece e com ela o ponto fecundo da análise.

Finalmente Lacan retrata esse movimento na análise quando descreve: “cada vez que um novo passo é dado na compleição da imagem, é na forma de uma tensão particularmente aguda que o sujeito vê o desejo surgir em si mesmo. Só que isso não esgota o fenômeno se não considerarmos a intervenção do terceiro elemento da análise que é a palavra do sujeito”. Tal colocação assinala a esta altura do percurso deste trabalho que se finaliza, a questão de que enquanto o estágio do espelho leva a alienação do eu numa relação dual, a análise busca além dá reinscrição da história imaginária do sujeito, o reconhecimento do seu desejo numa relação a três, onde a palavra do sujeito é o marco diferencial.

Para concluir, estas articulações no campo do imaginário, da relação dual, me conduziram à lembrança de trechos da poesia “ANTEPASSADO” de Carlos Drummond de Andrade.

“Só te conheço de retrato,  
não te conheço de verdade,  
mas teu sangue bole em meu sangue  
e sem saber vou copiando  
tuas imprevisas maneiras,  
mais do isso: teu fremente  
modo de ser, enclausurado  
entre ferros de conveniência”

“vou descobrindo o que me deste  
sem saber que o davas, na líquida  
transmissão de taras e dons”

“vou compreendendo sua face oculta  
de si mesmo; impulso primitivo, paixão insone  
e mais trevosas intenções  
que jamais assumiram ato  
nem mesmo sombra de palavra,  
mas ficaram dentro de ti  
cozinhas em lenha surda”

“acabei descobrindo tudo  
que teus papéis não confessaram  
nem a memória de família  
transmitiu como fato histórico  
e agora te conheço mais  
do que a mim próprio me conheço,  
pois sou teu vaso e transcendência  
teu duende mal encarnado”

